

CRISE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO FUNDAMENTAL EM FORTALEZA-CE-BRASIL

Edson Oliveira de Paula ¹
Leidiane Priscilla de Paiva Batista ²
Tharcia Priscilla de Paiva Batista Matos ³

RESUMO

Refletir sobre as noções de crise e conhecimento a partir da prática docente constitui a base deste trabalho. Buscou-se não apenas apresentar uma discussão puramente teórica, mas lançar esforços na direção de tecer reflexões sobre nuances do cotidiano escolar no ensino público. O intuito foi diagnosticar o quadro geral observado no ensino básico em escolas públicas da rede municipal de Fortaleza, pondo em relevo os problemas socioeconômicos enfrentados pelos alunos e suas famílias, a desvalorização e o desrespeito sofridos pelos professores e profissionais da educação em sua lida diária. Elaborou-se este trabalho a partir da leitura de bibliografias que refletem desafios e possibilidades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, mas avança no campo da prática reflexiva. A escassez de recursos materiais e humanos, a desvalorização dos docentes e demais profissionais da educação, a falta de recursos e de incentivos para a formação continuada, o descompasso entre a preparação (universitária) e a realidade da prática do fazer pedagógico, o distanciamento da realidade vivida pelo aluno, as determinações do sistema educacional, a pressão e o assédio moral sofridos pelos professores mediante a busca de marcas e índices, etc. são alguns dos muitos problemas que contribuem para a famigerada crise da educação escolar. Constata-se que tal crise educacional se apresenta de forma multifacetada e exige ações conjuntas dos variados setores (governo, gestores escolares, família, alunos e professores) em busca de superar as dificuldades estruturais e os desafios impostos a sociedade na atual conjuntura.

Palavras-chave: Educação, Professores, Atuação docente, Ensino básico.

INTRODUÇÃO

O termo “crise” é polissêmico. A baixa constante nos padrões básicos ao longo de todo o sistema escolar revela os perigos aos quais a educação está exposta (ARENDT, 2000). O presente ensaio constitui exercício de reflexão sobre as noções de crise e conhecimento com base em observações pessoais e experiências práticas dos autores enquanto docentes na rede municipal de ensino da prefeitura municipal de Fortaleza-CE-Brasil.

¹ Doutorando no Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, edsonoliveirapx@gmail.com;

² Doutoranda no Programa de pós-graduação em Ciências Marinhas Tropicais da Universidade Federal do Ceará - UFC, leidianepriscilla@gmail.com;

³ Mestranda no Programa de pós-graduação em Energia e Ambiente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, thpris@email.com

Para tanto, demanda a construção de um quadro geral vislumbrado através de representações e impressões adquiridas ao longo de quase uma década de magistério na rede municipal de ensino, pondo em destaque problemas socioeconômicos enfrentados pelos alunos e suas famílias, assim como o desrespeito ao qual os professores e profissionais da educação são submetidos em suas lutas diárias.

A limitação de recursos (materiais e humanos), a constante desvalorização dos profissionais da educação, a ausência de ações voltadas à formação continuada, o descompasso entre a formação inicial (universitária) e o dia a dia do fazer pedagógico, a pressão e o assédio moral sofridos pelos professores frente a busca de marcas e índices em avaliações internas e externas, etc., são alguns dos vários fatores que contribuem, em nosso entendimento, para a famigerada crise da educação escolar.

A crise educacional se apresenta de forma multifacetada e exige ações conjuntas de variados setores (governo, gestores escolares, família, alunos e professores) em busca de superar as dificuldades estruturais e os desafios impostos a sociedade na atual conjuntura.

Objetivou-se diagnosticar o quadro geral observado no ensino básico em escolas públicas da rede municipal de Fortaleza, pondo em relevo os problemas socioeconômicos enfrentados pelos alunos e suas famílias e as dificuldades vivenciadas pelos professores nas escolas públicas de Fortaleza.

O artigo foi construído a partir da leitura de bibliografias que discutem desafios e possibilidades inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, mas avança no campo da prática reflexiva. Nestes termos, buscou-se não apenas apresentar uma discussão puramente teórica, mas lançar esforços na direção de tecer reflexões sobre nuances do cotidiano escolar no ensino público.

Constatou-se que tal crise educacional se apresenta de forma multifacetada e exige ações conjuntas de variados setores (governo, gestores escolares, família, alunos e professores) em busca de superar as dificuldades estruturais e os desafios impostos a sociedade na atual conjuntura.

METODOLOGIA

A metodologia empregada é composta por uma miscelânea de elementos teóricos de autores diversos e observação das práticas e dinâmicas diárias inerentes ao fazer pedagógico no

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

cotidiano escolar em busca de refletir acerca da realidade imediata sobre a qual os autores se debruçam em suas lidas diárias.

A base deste trabalho se configura enquanto ensaio. Daí emerge a autonomia de mesclar elementos diversos e a liberdade de transitar entre situações vividas no dia a dia, matérias de jornais e trabalhos acadêmicos sobre aspectos teóricos e práticos acerca da produção do conhecimento, sobretudo no campo da educação escolar.

Para tanto, a princípio, foi necessário partir de uma reflexão pautada na luta diária do trabalho docente. Nesse momento, foram deixados de lado, os fundamentos conceituais das disciplinas específicas lecionadas e a formação acadêmica específica de cada autor (Geografia, Biologia e Química) para estabelecer um diálogo sobre as condições que nos aproximam enquanto profissionais da educação.

Buscou-se, portanto, perceber como se desenrola o cotidiano de cada professor frente ao quadro de crise crônica – quase irremediável – que paira sobre o ensino público no ensino fundamental⁴.

O estabelecimento de diálogo acerca de eventos comuns sobre a atuação docente foi essencial: condições de trabalho, público atendido, estrutura física das unidades escolares, dificuldades do fazer pedagógico em sala de aula, desmotivação dos colegas de profissão, falta de horizonte para os alunos, escassez de recursos para as escolas, falta de um maior compromisso por parte do poder público com a formação continuada e com a manutenção das unidades escolares, etc.

Desse modo, procedeu-se a apresentação das condições gerais comuns a muitas escolas da rede municipal de Fortaleza, apontando deficiências estruturais (salas sem ventilação, piso irregular, problemas com infiltração e umidade, falta de material básico para consumo diário, etc.), assim como problemas socioeconômicos (influência da criminalidade, aliciamento de crianças e jovens por grupos criminosos, violência, insegurança, etc.) vislumbrados por professores, alunos e pela comunidade.

Por fim, surgiu a necessidade de refletir sobre elementos mitigadores e esboçar ações no intuito de enfrentar as referidas intempéries. É verdade, entretanto, que este ensaio ainda se encontra em fase inicial e, no momento, conta com mais questionamentos do que respostas.

⁴ Foi dado destaque a este nível pois é o nível em que os autores atuam profissionalmente.

Constitui uma espécie de desabafo, um exercício de compartilhamento de experiências, conhecimentos e vivências.

DESENVOLVIMENTO

A crise da educação não é um fenômeno local, claramente observável e passível de descrição 'tal como é'. É uma construção a partir de olhares que se detêm sobre a educação pública e apresentam desejos e intenções relativos àquilo que a educação escolar não é e deveria ser (BARROSO, 2008). Para Arendt, não se pode refletir sobre crise da educação sem refletir sobre a crise política do mundo moderno (ARENDRT, 2005). Neste ensejo, trata-se de um tema complexo e que demanda análise minuciosa de situações frequentes na educação pública e que, nem por isso, deixam de ser atuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DA CRISE AO CONHECIMENTO

Desde os tempos mais remotos o homem enfrenta variados desafios que põem a prova suas habilidades de adaptação, força e inteligência: ter o domínio sobre o seu corpo, alimentar-se, associar-se em grupos, estabelecer-se em dadas porções do espaço, desenvolver técnicas de agricultura e criação de animais, etc. Assim, as dificuldades, os desafios e as crises que surgem ao longo do percurso da humanidade e suas mais diversas sociedades representam fator de impulso para o desenvolvimento do conhecimento.

Através da empiria, da filosofia, da arte, do senso comum ou da ciência, o conhecimento se manifesta. Muitos são os paradigmas e as referências filosóficas a influenciar na obtenção e/ou produção do saber. Tudo isso, de modo diverso, desempenha a mesma função: traduzir, revelar, representar a realidade segundo sua forma de apreensão. De maneira holística ou fenomenológica, pragmática ou dialética, idealista ou materialista, com as receitas clássicas do Positivismo ou a partir do relativismo Pós-moderno o conhecimento tem sido produzido e reproduzido há séculos, de acordo com as mais diferentes concepções que o embasem.

Kuhn (1997) indica estreita relação entre a ocorrência de crises no campo do conhecimento e grandes revoluções no panorama vislumbrado pela ciência em um determinado período. Segundo o autor, em virtude desse movimento, de tempos em tempos, a ciência daria saltos motivados por mudanças de paradigma.

Paradigma, para Kuhn (1997), se configura enquanto resultado das realizações científicas universalmente aceitas e que fundamentam durante algum tempo as concepções, as práticas e diretrizes de uma comunidade científica. De modo que a ruptura entre um modelo de pensamento corrente e um novo desencadeia profundas transformações.

Há quem credite as raízes da crise do conhecimento a aspectos paradigmáticos, constatando a incoerência de fragmentar, analisar, reduzir o mundo, suas relações, movimentos e complexidade (MORIN, 2008) a partes tão pequenas que se tornam desprovidas de significado e representatividade.

Há também quem atribua grande parcela da crise da educação escolar ao esgotamento de práticas metodológicas frequentes no torvelinho do dia a dia em sala de aula. Desse modo, o processo de ensino-aprendizagem fica prejudicado à medida que se encontra calcado em ações pedagógicas distantes do cotidiano vivido pelos educandos e de sua experiência de mundo (CAVALCANTI, 2002).

Desta feita, não se pode ignorar a linha que critica o mecanicismo dos procedimentos pedagógicos fundado na tautologia e no engessamento metodológico, ou nas palavras de Freire (1987) na “educação bancária⁵”, que mina elemento essencial para o processo de ensino-aprendizagem: a curiosidade (FREIRE, 2006).

Morin (2007) corrobora com essa lógica, ainda que se refira ao contexto francês:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral. Esse pleno emprego exige o livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade, que, muito freqüentemente, é aniquilada pela instrução¹, quando, ao contrário, trata-se de estimulá-la ou despertá-la, se estiver adormecida (p. 22).

Deve-se atentar para a necessidade de reinventar, revitalizar, repaginar, refuncionalizar a escola e o processo educativo, atribuindo-lhes novas representações imagéticas, novos ares em nosso imaginário, conferindo-lhes novas práticas e ações pedagógicas, uma vez que,

⁵ Modelo de educação onde o aluno, considerado não portador de conhecimentos, é incapaz contribuir com o processo educativo, devendo o professor, como detentor do saber, depositar nele os conteúdos escolares (FREIRE, 1987).

atualmente, muitos alunos, professores e direção escolar gastam cerca de quatro, oito horas ou o dia inteiro em uma escola em regime burocrático.

Entre os problemas que acentuam a insustentabilidade das relações escolares estão elementos de ordem teóricas e práticas como a famigerada fragmentação do saber, a escassez ou inexistência de recursos materiais e humanos, a falta de incentivo e de recursos para a formação continuada dos professores, o descompasso entre a preparação (universitária) e a realidade do duro trabalho docente, o distanciamento ou as interferências negativas da realidade objetiva da comunidade escolar, as determinações dos objetivos do sistema educacional e a pressão para atingir marcas e índices como meio de justificar maior aporte de recursos ou fazer propagandas políticas, etc. A nefasta influência da criminalidade que, anualmente, arrebanha aos milhares crianças e jovens para a destruição de suas famílias, seus sonhos, seus corpos e suas vidas.

Sob esse pano de fundo, restam dúvidas acerca das (im)possibilidades de resolução desse quadro. Nisso consiste o convite feito ao leitor destas notas teórico-práticas desenvolvidas pelos autores ao longo dos últimos anos enquanto professores de escolas de ensino fundamental na rede municipal de Fortaleza.

Neste ensaio, traz-se a reflexão a partir do relato sobre as dinâmicas do cotidiano escolar, as precárias condições de trabalho, as experiências positivas e negativas no bojo do processo de atuação docente frente a realidade de escolas públicas da rede municipal de Fortaleza situadas em bairros periféricos.

DOS FUNDAMENTOS DA CRISE A CRISE DOS FUNDAMENTOS

As últimas duas décadas de nosso século [XX] vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida — a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política [...] uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade.

Fritjof Capra (2012, p.21)

Entre as palavras do autor há de se ressaltar a natureza variada, múltipla, multidimensional, complexa (MORIN, 2008), sobretudo, no tocante a dimensão educacional, constituinte destas notas teórico-práticas expostas no estudo em mãos. Tal assertiva assume

caráter apocalíptico, muito embora não resulte de puro alarmismo, nem tampouco deve ser encarada enquanto mero jargão, ao sabor dos (des)ventos de nossos dias. É preciso (re)pensar a noção de crise.

Observa-se quão grave e multifacetada o termo se desvela a partir de uma rápida busca em qualquer dicionário. Aqui adotamos definições contidas no dicionário Michaelis (2018). Entre as definições para o termo, encontra-se uma lista de possíveis significados com variações importantes e que podem sem dificuldades ser associadas a realidade observada no cotidiano de escolas públicas da rede municipal de ensino de Fortaleza-CE-Brasil.

Nestes termos, o vocábulo “crise” pode ser compreendido enquanto:

1. Momento decisivo em uma doença, quando esta toma o rumo da melhora ou do desenlace fatal.
2. Momento em que se deve decidir se um assunto ou o seguimento de uma ação deve ser levado adiante, alterado ou interrompido; momento crítico ou decisivo.
3. Conjuntura desfavorável; situação anormal e grave; conflito, tensão, transtorno.
4. Momento em que, em uma peça de teatro, as forças em conflito atingem seu grau máximo de tensão, levando ao desfecho ou à resolução (MICHAELIS, 2018).

A primeira definição discorre sobre quadro médico, indicativo de cuidados especiais e aponta para duas situações: a cura ou a morte.

Ao pensar na educação pública como um sistema vivo, observa-se quadro de doença crônica gravíssima. As principais causas são estudadas há bastante tempo – embora não haja um laudo definitivo, nem uma bula que possibilite uma indicação específica de um tratamento eficaz.

Entre elas pode-se apresentar: a precarização das condições de trabalho e a desvalorização dos profissionais da educação, a escassez de recursos didáticos, paradidáticos e de consumo diário, a ausência das mínimas condições infraestruturais e sanitárias para a realização do trabalho docente, etc.

As consequências ou sintomas também são bastante perceptíveis: indisciplina, baixos níveis de proficiência, evasão, envolvimento dos alunos com a criminalidade, despreparo discente para o mercado de trabalho – para concorrer a uma vaga em uma universidade ou em um concurso público –, limitação do horizonte social vislumbrado, manutenção e reprodução da pobreza e da miséria nas periferias.

É triste, enquanto educador, vislumbrar no olhar de muitos alunos a quase completa falta de perspectiva e a dificuldade de encontrar seu lugar no mundo enquanto sujeitos ativos de seu destino.

Lamentavelmente, muitas vezes as representações imagéticas dos alunos associadas às escolas públicas acabam sendo negativas. A escola passa a ser vista, por muitos, como mero local de contenção em que eles são obrigados a permanecer quatro horas por dia sentados em uma cadeira – quando há carteiras escolares, já que frequentemente faltam por conta da depredação das mesmas ou da falta de manutenção.

Vários colegas entendem que a prática efetiva do professor em áreas de periferia consiste em “pastorar” alunos. Ou seja, evitar que as crianças e os jovens estejam na rua durante aquele período diariamente. Logo, enquanto as escolas estiverem desprovidas de recursos básicos e de projetos que consigam captar a atenção dos estudantes.

Causa angústia observar o contentamento de muitos alunos com o ciclo vicioso da pobreza. Grande parte vem de famílias numerosas, que residem em condições precárias, percebem renda irrisória nas sendas do trabalho informal, do subemprego ou da total indigência. É comum encontrar pelas grandes cidades – Fortaleza não foge à regra – crianças e jovens se submetem ou são submetidos ao trabalho infantil, limpando parabrisas, simulando apresentações circenses ou vendendo produtos diversos nos sinais de grandes vias de circulação das grandes cidades.

Outra realidade gritante afeta crianças e jovens do sexo feminino. Anualmente, vários são os casos de alunas que engravidam cada vez mais cedo (aos 12, 13, 14 anos...). Para estas, o desafio a ser superado é ainda maior. Muitas acabam perdendo parcela das aulas durante a gestação e, posteriormente, no período de resguardo e de cuidados maternos. Alternativas são criadas para que elas não fiquem prejudicadas, tais como atividades e trabalhos domiciliares, em busca de evitar maiores prejuízos. Contudo, a necessidade de acompanhar as crianças e toda gama de novos afazeres a partir de então acabam afastando muitas alunas da escola.

Chama a atenção o fato de que essa história não é nova. Por vezes, o mesmo ocorreu com as mães das alunas. Em reuniões de pais – raros momentos em que temos a oportunidade de conversar com os familiares – situações como essa nos são relatadas.

A segunda descrição do verbete “crise” no dicionário Michaelis abarca a ideia de urgência diante de quadro alarmante, tal como se percebe na atualidade. O momento, de fato, é extremamente crítico. Há gritante necessidade de tomada de decisão! É preciso denunciar, agir e interromper o quadro caótico sob o qual toda a comunidade escolar se encontra inserida. Esta ação emana, não somente, dos alunos, dos pais, dos professores e dos profissionais da educação, mas dos gestores, dos governantes e de toda a sociedade.

Infelizmente há um engessamento da estrutura social, que obedece aos interesses da classe política e da manutenção do *status quo*. Não à toa transcorrem ao longo de décadas a manutenção de oligarquias políticas que se reproduzem e singram o futuro da nação, condenando-nos a um eterno retorno a problemas sociais insolucionáveis. Desfilam de tempos em tempos filhos e netos de grandes figurões da política, assenhoreando votos nas sendas hereditárias da política.

A terceira concepção destaca contexto de anormalidade, transtorno, gravidade e tensão. A imagem mais forte ao pensar esta situação remete aos conflitos enfrentados por professores e alunos.

No que concerne aos professores, é comum no diálogo com colegas a constante queixa de cansaço, sobretudo, pelas longas jornadas de trabalho, que, se estendem, às vezes, por três turnos ou horas extras aos fins de semana na iniciativa privada. A origem deste fato denota a desvalorização – salarial, inclusive – da qual esses profissionais são alvo. Some a isso a falta das mínimas condições de trabalho, a cobrança feroz dos gestores educacionais acerca de resultados “milagrosos”, melhoras expressivas em índices internos e externos, redução nos índices de evasão e reprovação, etc. No fim, sempre há UM culpado: o professor.

Em conversa com colega da área de matemática, presenciamos situação curiosa. Ele relatou sofrer pressão por parte da direção de outra escola para “dar um jeitinho” e diminuir os índices de reprovação. Mesmo se opondo a esta medida hedionda, os resultados foram atingidos “milagrosamente”.

Em seguida, a direção questionou o mesmo professor acerca de uma “discrepância” entre os resultados das avaliações internas e externas... Abalado com os absurdos presenciados, o colega desabafou.

Ao lado do assédio moral, muitos professores têm de conviver com a violência a qual estão submetidos. Comumente são alvo de ataques verbais e até físicos por alunos, pais, familiares, etc.

Há quase dez anos, ao adentrar na rede pública de ensino de Fortaleza, uma colega utilizou uma analogia para descrever a escola e seu funcionamento. Ela não poderia descrever de forma mais precisa. Para a colega, “a escola pública é um moedor de gente”. A definição nos causou espanto a princípio. Alguns anos de prática tornou prenhe de sentido a assertiva.

Não é à toa que as escolas públicas de ensino básico tem se tornado um ambiente de guerra. O desenvolvimento de patologias físicas e mentais é cada vez mais frequente. Souza

et.al (2011) constata que cerca de 20% dos profissionais da educação no ensino fundamental do Estado da Bahia relataram doenças associadas ao uso da voz (nódulos, pólipos, edemas, fendas glóticas, alterações estruturais nas pregas vocais, etc.), perda auditiva, doenças do trato respiratório (rinite, sinusite, faringite, etc.) e doenças mentais.

Os denominados “Transtornos Mentais Comuns” (TCM) foram atestados pelos autores (IDEM, IBIDEM) através do SRQ 20 (Self Report Questionnaire), também conhecido como Questionário de auto-relatório. Tal questionário foi preenchido pelos professores entrevistados acerca de patologias e sintomas recorrentes como: perda na qualidade do sono, tensão, variações de humor, fadiga, esgotamento mental, sentimento de incapacidade, distúrbios nervosos, irritabilidade, esquecimento, queixas psicossomáticas (dor de cabeça, dor no estômago, náuseas, etc.).

Muitos colegas enfrentam quadro delicadíssimo acerca do desenvolvimento de distúrbios psicológicos e psiquiátricos como ansiedade, depressão, síndromes do pânico e de Burnout, etc. Esta realidade, facilmente percebida através da convivência diária é mais comum do que se imagina. Variados estudos são realizados em todo o Brasil.

Tostes *et.al* (2018) discute problemas dessa natureza no Paraná: 75% dos entrevistados manifestaram Transtornos Mentais Comuns; 70% relataram distúrbios de ansiedade; 44% dos professores revelaram quadro depressivo, ora realizando tratamentos de ordens psiquiátrica e psicológicas, ora enfrentando complicações inerentes às referidas patologia.

Acerca dessas constatações cabe destaque sobre as questões de gênero. As mulheres, geralmente, sofrem ainda mais com os problemas supracitados (IBID). Tal constatação reside no fato de que a maior parte da categoria docente ser composta por mulheres, sobretudo, nas séries iniciais do ensino fundamental e no ensino infantil.

As professoras se tornam alvo com maior frequência, não apenas por constituir maioria dentro da categoria, mas por estarem mais expostas à violência, dada a força imoral da misoginia arraigada em nossa sociedade.

As eleições de 2018 comprovam essa realidade. A ascensão à presidência de um declarado misógino⁶, xenófobo⁷, homofóbico⁸, racista⁹ e adepto da tortura¹⁰, deu voz a uma legião de “cidadãos de bem” que comungam dos mesmos discursos e práticas autoritárias.

No outro lado da moeda, ainda com base na mesma definição, encontram-se os alunos. Ao seu turno, eles enfrentam quadro desolador, uma vez que, são vítimas da desigualdade social, da opressão policial, do escamoteamento diante de políticas públicas, da falta de perspectiva de um futuro melhor, do aliciamento cada vez mais tenro para o tráfico, a prostituição, o trabalho infantil, etc.

Não é fácil aprender em: escolas que não dispõem de livros (didáticos) ou bibliotecas; escolas nas quais os alunos tem de movimentar as carteiras (quando elas existem) para fugir do sol ou da chuva; escolas que não possuem iluminação adequada ou ventilação; escolas que não dispõem de condições sanitárias; escolas utilizadas por diversas gerações (avôs, pais, filhos, netos, etc.) ao longo de várias décadas e que ao longo do tempo nunca passaram por reformas estruturais.

A quarta e última acepção que selecionamos remonta a um panorama cênico. No teatro, “crise” refere-se ao ponto alto da tensão, capaz de conduzir uma peça ao desfecho. Infelizmente, nem toda história nos conduz à redenção, à alegria ou a um “final feliz”. Na escola pública, nem toda “gata borralheira” se torna “cinderela”.

Muitos meninos se tornam marionetes nas mãos do crime ou do sistema político-econômico-social em que vivemos. Muitos não têm a oportunidade de provar do mingau frio, morno ou quente, nem tampouco podem se deitar em uma cama.

⁶ Enquanto ainda era deputado, em 2014, Jair Bolsonaro ofendeu a deputada Maria do Rosário. Foi processado por apologia ao crime de estupro e injúria. Acabou condenado pelo TJDF (Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios) (O GLOBO, 2019).

⁷ Trecho de conversa entre o, agora (2019) presidente, Jair Bolsonaro e o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, foi captado. Bolsonaro declarou: “dos governadores de ‘Paraíba’ o pior é o do Maranhão”. A assertiva denota desprezo ao Nordeste, uma vez que, Bolsonaro foi derrotado nos dois turnos do pleito na região (VALOR ECONÔMICO, 2019).

⁸ Em 2010, quando integrava a comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), Bolsonaro declarou no programa Participação Popular, da TV Câmara: “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” (VEJA, 2018).

⁹ Em 2017, durante palestra ao Clube Hebraica (Rio de Janeiro), Bolsonaro fez ofensas às populações quilombolas, afirmando: “Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (EL PAÍS, 2018).

¹⁰ Durante programa na TV Bandeirantes o, ainda deputado, Jair Bolsonaro afirmou: “Pau-de-arara funciona. Sou favorável à tortura, tu sabe disso”. O caso ocorreu em 1999 (VEJA, 2018). Em 2016, durante a votação do Impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, ele exaltou um dos maiores ícones da tortura e da barbárie no período da ditadura militar brasileira: o Cel. Brilhante Ustra. Mais recentemente, ele voltou a chamar Ustra de “herói nacional” (FOLHA DE S. PAULO, 2019a).

As “vovozinhas” amadas dos contos infantis, aqui são esteio de famílias esfaceladas pelos “lobos” das mazelas sociais, e que, infelizmente, não terão a ajuda heroica de nenhum “lenhador”. Milhões de “Joãos” são derrotados pelos “gigantes” problemas que enfrentam e nem de longe vislumbram os “ovos de ouro” de uma sorte melhor.

Seja qual for o significado que se encerre, é necessário (re)pensar a realidade com muita atenção para propor ações que possam remediar o panorama observado. Partir da vivência e do cotidiano do aluno (CAVALCANTI, 2002) em direção à emancipação do sujeito frente à opressão (FREIRE, 2006).

Urge construir valores (SALVADOR, 2006) para alcançarmos uma sociedade crítica, ciente de seus direitos e em busca de uma transformação social.

No Brasil, houve quem considerou a crise atual apenas uma “marolinha”. Hoje, entretanto, vislumbra-se diante de verdadeiras tsunamis que engolem, arrastam e destroem tudo pela frente.

Com frequência os meios comunicativos (TV, jornais, revistas, internet, redes sociais, etc.) tornam correntes notícias sobre o quadro “caótico” do sistema educacional brasileiro: carteiras quebradas, falta de material escolar básico, indisciplina discente, desvalorização docente, desmotivação mútua de ambos, atomização do conhecimento, distanciamento dos contextos sociais imediatos, avanço da criminalidade, falta de investimentos para a manutenção da estrutura escolar, etc., são apenas pálidos reflexos da gravidade dos problemas enfrentados na educação básica. Discorreremos sobre o tema fundados em nossas atuações docentes na rede municipal de ensino de Fortaleza-CE-Brasil.

Mas afinal, de quem é a culpa para tal situação? Professores, alunos, pais e autoridades governamentais se acotovelam em torno de justificativas. Por isso, é preciso suplantar o jogo de acusações e procurar saídas para o labirinto no qual a escola pública se perde.

É preciso, portanto, encontrar medidas mitigadoras para o referido contexto, uma vez que, não há receita infalível. Ainda assim cabe o questionamento: Qual o melhor caminho a seguir? Construir mais escolas? Investir em escolas de tempo integral? Disponibilizar mais recursos para as escolas públicas?

O ministério da educação e seus apoiadores parecem entender o contrário. Quando os “chocolatinhos¹¹” são tirados da “boca” das instituições de ensino superior, inúmeros jovens e

¹¹ Em pronunciamento junto com o intragável presidente da república, o atual ministro da educação Abraham Weintraub tentou explicar de maneira esdrúxula o corte de verbas para a educação que atingiu em cheio as

toda a sociedade brasileira acabam prejudicados com a dificuldade para manter o funcionamento dessas instituições. Avalia-se que os “contingenciamentos” podem chegar a R\$ 3 bilhões do orçamento do Ministério da Educação (MEC). Até agora (agosto de 2019) os cortes na pasta já chegam a R\$ 926 milhões (FOLHA DE S. PAULO, 2019b).

Durante entrevista, em fevereiro de 2019, a deputada e líder do governo, Joice Hasselmann, declarou que a educação seria como uma “mangueira furada”. Segundo a parlamentar, de nada adiantaria alocar mais recursos para a área da educação. Essa afirmativa representa uma afronta às instituições de ensino público e aos profissionais da educação em todos os níveis e modalidades. É revoltante constatar que autoridades e gestores públicos compactuem com esta visão.

Difícilmente, encontrar-se-á sucesso sem atingir as várias frentes que compõem as bases da crise educacional mantendo o pensamento estreito de que educação é “gasto”. Nenhuma proposta será integralmente efetiva sem que ocorram os devidos investimentos (i) na infraestrutura escolar, na formação continuada e na valorização dos profissionais da educação, (ii) na redução da desigualdade social e na mitigação da miséria e (iii) no fomento a novas práticas educacionais, fundadas em um projeto de transformação social.

Para tanto, faz-se necessário responder a um conjunto de indagações que aflige os professores: é possível no processo de ensino-aprendizagem desenvolver novas atitudes, com base na (re)construção de valores (SALVADOR, 2006), ultrapassando o modelo “conteudista” ou bancário (FREIRE, 1987) para além das demandas imediatas do sistema formal de educação escolar?

De que modo os saberes “mundanos” discutidos por Oliveira (2004) poderiam auxiliar no aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, no sentido de articular conceitos cotidianos e conceitos científicos (CAVALCANTI, 2002)?

De que maneira o acesso e o uso de mídias variadas podem ser úteis na disseminação de informações e de que maneira o aluno e/ou o professor podem convertê-las em conhecimento efetivo? Como o trabalho docente pode auxiliar na construção (contínua) de uma educação na/para a vida?

Instituições de Ensino Superior (EXAME, 2019). Foi feita analogia entre bombons de chocolate e os recursos públicos que seria “contingenciados”. O mais curioso é que parte do “chocolate” (recurso da educação) usado na representação foi imediatamente comido pela figura asquerosa do presidente. Dizem que a vida imita a arte... Ou seria o contrário?

Nesse contexto, seria possível converter a escola em espaço de preparação para a vida (BRASIL, 1996) ao invés de espaço de (dis)simulação?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se que os problemas que assolam a educação básica na rede municipal de Fortaleza são numerosos e demandam grande sensibilidade dos docentes. Mais do que isso exigem providências de ordem administrativa, econômica e política, sobretudo, do governo municipal.

Constata-se que as noções de crise trabalhadas neste trabalho apresentam as bases sobre as quais se assentam os problemas observados no cotidiano escolar em suas variadas acepções. Denota-se necessidade de construir de forma conjunta um caminho para uma educação pública, gratuita e de qualidade, uma trilha que nos conduza a uma fuga da triste conjuntura visualizada.

Infelizmente, a conjuntura nacional aponta para a contramão desse movimento. Ações do governo federal contradizem o ideal de um futuro melhor e acabam contingenciando, cortando, congelando ou transferindo verbas, inicialmente, destinadas à educação para outras áreas sob a alegação de combate à crise.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**, v. 5, p. 221-247, 2000. Disponível em: <<http://www.academia.edu/download/32784339/hanna-arendt-a-crise-na-educacao.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

BALDACARA, Leonardo et al. Common psychiatric symptoms among public school teachers in Palmas, Tocantins, Brazil. An observational cross-sectional study. **São Paulo Med. J.**, São Paulo, v. 133, n. 5, p. 435-438, Oct. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-31802015000500435&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 jul. 2019.

BARROSO, Geraldo. Crise da escola ou na escola? Uma análise da crise de sentido dos sistemas públicos de escolarização obrigatória. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 21, n. 1,

p. 33-58, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v21n1/v21n1a03.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Bolsonaro: Daqueles governadores de 'paraíba', o pior é o do Maranhão. **Valor Econômico**. 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/politica/6357691/bolsonaro-daquelles-governadores-de-paraiba-o-pior-e-o-do-maranhao>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em: 13 mar. de 2019.

CAMPOREZ, Patrik. **O Globo**. 19 fev. 2019. STF mantém pagamento de indenização de Bolsonaro a Maria do Rosário. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/stf-mantem-pagamento-de-indenizacao-de-bolsonaro-maria-do-rosario-23464003>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2012.

CAVALCANTI, Lana. **Geografia e práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FERNANDES, Talita. Bolsonaro volta a chamar Ustra de 'herói nacional' e recebe viúva no Planalto. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: 8 ago. 2019a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/bolsonaro-volta-a-chamar-ustra-de-heroi-nacional-e-recebe-viuva-no-planalto.shtml>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LOUREIRO, Carlos. Educação Ambiental Transformadora. In: Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: MMA, 2004. Disponível em: <http://files.zeartur.webnode.com.br/200000044-e06b4e1651/Identidades_EA_Brasileira.pdf#page=67> Acesso em: 20 mai. 2019.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. Trad. Eloá Jacobina. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. Ensino de geografia e ciências da comunicação: por uma geografia mundana. In: **Mercator** n. 6. Fortaleza: UFC, 2004, p. 61-70. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/127>>. Acesso em: 16 abr 2019.

O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays. **El País**. São Paulo: 7 out. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SALDAÑA, Paulo. Por reforma da Previdência, Educação perde quase R\$ 1 bi. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 7 ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/08/por-reforma-da-previdencia-educacao-perde-quase-r-1-bi.shtml>>. Acesso em 08 ago. 2019b.

SALVADOR, César Coll. **O construtivismo na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SOUZA, Carla Lima de et al . Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 45, n. 5, p. 914-921, Oct. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000500013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 jul. 2019.

TOSTES, Maiza Vaz et al . Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, Jan. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042018000100087&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 jul. 2019.

Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro. **VEJA**. São Paulo, 6 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Weintraub usa 100 barras de chocolate para negar cortes em universidades. **Exame**. São Paulo, 10 maio 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/ministro-nega-cortes-em-orcamento-de-universidades/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.